SOBRE A RESPONSABILIDADE DE SER E ESTAR NO MUNDO: UMA ENTREVISTA COM PILAR DEL RÍO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p160-167>*

Por Bianca Rosina Mattia¹

Nascida em Sevilha, filha de Carmem e de Antônio, Pilar del Río é a mais velha de quinze irmãos. Jornalista, tradutora e Presidenta da Fundação José Saramago, recebeu recentemente o Prêmio Luso-Espanhol de Arte e Cultura pelo reconhecimento de seu trabalho à frente da Fundação. Nesta entrevista, fala com muita lucidez sobre a leitura da obra de Saramago, com quem esteve casada até 2010, ano do falecimento de seu companheiro. Pilar del Río não só é lúcida, mas também é veemente, se recuperarmos a oportuna voz de Saramago: “Eu creio que ela nasceu veemente, não há nada a fazer contra isso. Nem há qualquer interesse em fazer algo contra isso, ela é assim como é.”.¹ Em sua fala, Pilar discorre sobre literatura, sobre a conjuntura política, sobre feminismo, sobre seu trabalho à frente da Fundação e, em especial, sobre o romance inacabado de

* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 9, n. 17, jun/2017:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/10348>

DOI original: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v0i17p223-230>

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

¹ José Saramago, em entrevista a Miguel Gonçalves Mendes, publicada no livro *José e Pilar: conversas inéditas*, em 2012, pela Companhia das Letras.

José Saramago *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*², publicado pela primeira vez em 2014, tanto em Portugal quanto no Brasil.

BIANCA ROSINA MATTIA: Em uma de suas entrevistas, você falou que a obra de José Saramago *empodera os seres humanos*. Saramago costumava dizer que escrevia *para desassossegar os seus leitores*. Gostaria que começasse por falar sobre o poder da literatura. O que podem as palavras? Qual é a função da literatura?

PILAR DEL RÍO: Não sei se a Literatura tem que ser funcional. Talvez a literatura não sirva para nada, ou talvez outorgue às gerações de leitores a dimensão da memória. Acho que poderíamos viver sem literatura, de fato milhões de pessoas vivem sem ela, mas sem os livros que lemos e guardamos na nossa experiência leitora, o mundo seria chato. A literatura confere profundidade à inteligência e sensibilidade aos corpos.³

BRM: Sobre os últimos escritos de José Saramago, a Pilar foi a primeira leitora de *Alabardas*.⁴ Como foi essa experiência: ser a primeira leitora do último romance de Saramago?

PdR: Ser a primeira leitora de José Saramago era uma consequência natural da vida em comum e da cumplicidade que escolhemos partilhar, não tem outro simbolismo. Olhando agora vejo aquilo com assombro, um presente fascinante que quase que me aterroriza: tive nas mãos as primeiras linhas de obras magníficas, as dúvidas e as façanhas, assisti o dia a dia da construção de uma obra colossal. Em relação a “Alabardas”, José Saramago sempre teve em conta que a morte podia impedi-lo de acabar o livro, por isso deixou as anotações. Ele não queria morrer sem essa última reflexão sobre a responsabilidade. Que é o argumento central do último trabalho literário de José Saramago: a responsabilidade individual.

² “Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas”, romance inacabado de José Saramago, com publicação póstuma em 2014, é objeto de minha dissertação de mestrado, em andamento, no Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ A tradução das respostas de Pilar del Río é de Ricardo Viel, jornalista e assessor de comunicação da Fundação José Saramago, em Lisboa, Portugal.

⁴ *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*, romance inacabado de José Saramago, foi publicado em 2014 no Brasil, pela Companhia das Letras e, em Portugal, pela Porto Editora.

BRM: Quando da publicação de *Alabardas*, no editorial da revista *Blimunda*⁵ [publicada em setembro de 2014], você afirmou que *Alabardas não é um testamento, é o livro com o qual José Saramago queria fechar o seu percurso*. Como percebe esse fechamento de percurso literário com a temática trazida por *Alabardas*? O legado deixado por Saramago seria o mesmo sem o *Alabardas*?

PdR: O legado de José Saramago não seria o mesmo sem “*Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*”: como poderia ser igual retirar da obra de um autor um livro e um empenho moral e literário? Pelo contrário, José Saramago sabia que lhe restava pouco tempo de vida e, ainda assim, abordou a tarefa titânica de descrever o caos que a desumanidade gera, e o fez como se tivesse nascido só para isso, como se o destino do mundo dependesse do seu trabalho. Para levar a cabo essa urgência literária e moral, escolheu contar a vida de um modesto cidadão, um homem exemplar, que cumpre com a sociedade respeitando todas as normas e leis, que é bom no seu trabalho sem se perguntar a quem e para quem serve aquilo que faz. E assim, tranquilamente, participa da fabricação de armas, sem jamais perguntar-se qual é o destino desse seu trabalho – que é a morte de outros. E para que seu negócio prospere necessita de muitos conflitos, que de alguma forma são incentivados, porque é preciso seguir fabricando... Enfim, é um relato do nosso mundo, agora mais do que nunca. José Saramago o viu, com a capacidade antecipatória que têm os pensadores e com a capacidade expressiva que têm os escritores. Teremos nós a capacidade para o ler? Essa é a questão. José Saramago cumpriu, encerrou a sua vida sem ceder à comodidade ou à indiferença. Que cada um pense o que está fazendo por si próprio ou própria.

BRM: Recentemente li uma declaração sua de que há uma obra de teatro e vários contos de Saramago ainda inéditos. Como a Pilar entende a importância de disponibilizar, até mesmo os escritos que José Saramago não havia concluído [como é o caso de *Alabardas*], ao público leitor?

PdR: Há contos e também há conferências pronunciadas em determinados lugares que nunca foram publicadas. E há especialistas trabalhando nesse material para ver de que maneira será publicado. Claro, assumo

⁵ Revista digital editada e publicada pela Fundação José Saramago. Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/category/blimunda/>>.

BRM: O editor Manuel Alberto Valente, da Porto Editora, afirmou aos leitores que esperassem por *Alabardas* um *manifesto pela paz*. Como lhe soa pensar o *Alabardas* como um manifesto?

BRM: No discurso⁸ pronunciado no Banquete Nobel a 10 de dezembro de 1998, José Saramago afirmou que temos de *reivindicar o dever dos nossos deveres*, e então expressou o desejo pela elaboração da *Carta dos Deveres Humanos*. À frente da Fundação, a Pilar assumiu a realização dessa vontade. Gostaria que falasse um pouco sobre como está a situação dessa proposta e se já há previsão para o encaminhamento da *Carta* às Nações Unidas.

⁸ O discurso está disponível no site da Fundação José Saramago:

PdR: Estamos trabalhando nessa Declaração Universal de Deveres Humanos. Claro que *Alabardas* se inscreve nessa linha que José Saramago destacou no discurso do Nobel. Linha que percorre toda a sua obra, desde o *Manual de Pintura e Caligrafia*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, o *Evangelho segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a Cegueira* e sobre a *Lucidez*, *A Caverna*, *Caim*... Todos os romances de José Saramago são meditações sobre a responsabilidade. Esperamos que até o final de 2017 a carta dos deveres, iniciativa que é feita com a UNAM do México, esteja redigida.

BRM: Mudando um pouco de assunto, durante o processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, uma cena do filme *José e Pilar* [de Miguel Gonçalves Mendes, 2010] repercutiu muito nas redes sociais: aquela em que a Pilar adverte o entrevistador que lhe chame: *Presidenta*, no feminino. No Brasil, também houve grande recusa ao uso do substantivo no feminino para o cargo desempenhado por uma mulher. Exigir que lhe chamem *Presidenta* é um ato de resistência para nós mulheres? Para a Pilar, quais são os maiores desafios e/ou barreiras enfrentados pelas mulheres na luta contra o machismo?

PdR: O idioma pode ser uma arma de destruição massiva. Não usar o feminino em determinados níveis de representação social é condenar a mulher a um papel não hegemônico, assimétrico, sob o padrão de dominação masculina. É muito importante, é fundamental para nossa construção mental, que o poder também tenha femininos. Obviamente, Dilma é presidenta. E quem não o reconhece assim é porque quer ser mantido na educação patriarcal ou é vítima do patriarcado. A linguagem está para servir as pessoas, não para que as mulheres sofram de sua construção patriarcal.

BRM: Sobre a presença feminina na obra de José Saramago, disse o autor que sempre há uma mulher a sustentar cada um de seus romances. Em *Alabardas*, temos Felícia, que é quem dá voz àquela que seria a última frase do romance: *Vai à merda*. Como a mulher Pilar del Río lê as personagens femininas de Saramago, especialmente esta última, Felícia, e esse final por ela proferido?

BRM: Sobre seu trabalho como tradutora, a Pilar disse certa vez: *Gosto muito de traduzir, é partilhar amores*. Como foi traduzir *Alabardas*?

BRM: Recentemente lhe foi atribuído, por unanimidade, o Prêmio Luso-Espanhol de Arte e Cultura pelo reconhecimento de seu trabalho como criadora e Presidenta da Fundação José Saramago. Para o seu trabalho, o que significou receber tal distinção?

BRM: Para finalizar, o que a Pilar diria aos pesquisadores e estudantes da obra de José Saramago?

⁹ Sobre felícia, escreve Saramago no romance: “[...], tendo sido batizada como berta, que era o nome da avó materna, passou a chamar-se oficialmente felícia para não ter de carregar toda a vida com a alusão direta ao canhão ferroviário alemão que ficou célebre na primeira guerra mundial por bombardear paris de uma distância de cento e vinte quilómetros.” (SARAMAGO, 2014, p. 10).

possibilidade de desfrutar, a vontade de sentir com outro que, sendo nosso semelhante, também é um mestre.

REFERÊNCIAS

Blimunda, n. 28. Lisboa: Fundação José Saramago, setembro de 2014.
Disponível em: <http://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2014/09/blimunda_28_setembro_2014_1.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

JOSÉ e Pilar: os dias de José Saramago e Pilar del Río. Realização: Miguel Gonçalves Mendes. Produtores: Agustín Almodóvar; Bel Berlink; Esther García; Fernando Meirelles; Miguel Gonçalves Mendes. Produção: JumpCut; El Deseo; 02 Filmes. Lisboa: JumpCut, 2010. (DVD 1: 125min; DVD 2: 160min).

MENDES, Miguel Gonçalves. *José e Pilar: conversas inéditas*. Tradução das falas de Pilar em espanhol por Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SARAMAGO, José. *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*: com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares, Roberto Saviano. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (ePub).

SARAMAGO, José. *O lagarto*: com xilogravuras de J. Borges. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

Licença:

Concepção e realização da entrevista:

Bianca Rosina Mattia

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contato: biancamattia@gmail.com

id : <https://orcid.org/0000-0002-0136-1241>